

IV Edição do Concurso de Contos do Museu do Aljube
Resistência e Liberdade
“Coragem hoje, abraços amanhã”

Falsas esperanças

João Neves

Termos ideias diferentes, contrárias às do estado é muito perigoso. Podemos ser perseguidos e privados da nossa liberdade. Esta é a razão de toda a minha família ser sujeita a viver nesta mísera vida de perseguição e censura. Às vezes dou por mim a pensar no quão diferente seria a nossa vida se, simplesmente, não fôssemos privados de pensar de uma maneira diferente daquela que nos é imposta como correta, quão melhor seria a nossa vida se tal fosse permitido? Por certo irei morrer sem ver um futuro assim, mas, pelo menos, morrerei de forma digna, lutando pelos meus princípios e com esperança de que os meus sucessores vivam num mundo melhor do que o meu.

Dia 14 de janeiro foi o dia em que me arrancaram de casa e me trouxeram para aqui. Lembro-me do som do arrombar da porta, dos gritos dos homens da PIDE, de ver a minha casa a ser revirada; eu sabia que aquele dia, eventualmente, iria chegar, apenas ignorava que não estava preparada para ele; recordo, apenas, os eventos daquele dia como um pesadelo sem sentido, não sei quantos dias se passaram, mas dei por mim numa cela escura, apenas com uma janela no topo da parede. Não conseguia ver nada do que acontecia lá fora devido à diferença de altura, mas a luz que entrava por aquele buraco já era suficiente para mim. De madrugada comecei a ouvir barulhos vindos da parede à minha esquerda. “Toc, toc, toc”. Pensei que estaria a alucinar por não comer há algum tempo, mas os barulhos intensificaram-se. Reparei num pequeno buraco que ligava a minha cela à do lado. Baixei-me e perguntei:

-Quem está aí?

-Finalmente uma resposta! Eu sou a sua colega da cela ao lado. O meu nome é Maria de Jesus Pato, mas visto que somos “vizinhas” pode-me tratar apenas por Maria! E posso ter o prazer de saber o seu nome?

- Flora Carlota Alves... sabe-me dizer onde estamos e há quantos dias já estou aqui!?

-A senhora chegou há dois dias, Dona Flora, e estamos na Prisão de Caxias.

Meu Deus era o que eu temia. Ponderei a possibilidade de estar em todas as prisões políticas que me vinham à memória, mas, definitivamente, a que eu mais temia era a de Caxias. Nunca tinha estado nesta prisão, apesar de já ter estado em todas as prisões possíveis desde 1951, mas, dado que o meu falecido Francisco faleceu cá, em 46, sempre fui consumida por um grande ódio e repugnância por este sítio. Nunca me foi dada a oportunidade de visitar o meu marido e apenas fui avisada da morte dele um ano depois do ocorrido. Falei com a minha nova colega durante a noite. Ela, como eu, foi presa por ser também apoiante do partido comunista. Descobri que ela não tinha família e já estava presa há um ano e seis meses. Disse-me que, como ela, existem dezenas de

outras mulheres que foram presas por crimes políticos, mas que todas têm um sonho em comum, evadirem-se da prisão. Fui convidada a participar desse acontecimento e, claro, sem hesitação respondi que sim, que queria fazer parte; a sensação de poder fazer frente ao que me tirou parte de mim tomou conta do meu corpo. Maria avisou-me dos riscos, mas eu estava disposta até a morrer. Sei que a minha família se iria desvencilhar sem mim. O meu filho já tinha tomado a posição de homem de família e, tendo todos crescido neste mundo, sei que tudo iria correr bem para eles. Esta é única maneira que tenho de me rebelar contra este mundo cruel em que vivemos, pensei.

Três meses se passaram desde então. Conheci outras reclusas da prisão, uma de quem me tornei também particularmente chegada, para além da minha colega do lado esquerdo, foi a senhora Herculana Dias Carvalho, residente da cela à direita da minha. Ela, como eu e a Dona Maria, também era apoiante do partido comunista e também tinha perdido o marido para a o estado novo. Estas coincidências facilitaram a nossa relação enquanto viúvas. Todos os dias tínhamos uma hora de convívio com todas as reclusas das outras secções da prisão. Usávamos essa hora para planear a revolução, discutirmos a melhor maneira de executar o plano para que fosse ser algo marcante, que conseguisse fazer frente à imponentia que a prisão de Caxias representava para o estado novo. Ao fim de três meses tínhamos montamos um plano que achámos perfeito. O plano tinha em duas fases; a primeira era ainda dentro da cadeia, no dia 26 de junho, uma reclusa iria fazer explodir as garrafas de gás da ala norte da prisão, a meio da noite. Isto era possível porque as casas de banho da ala norte (ala feminina da prisão de Caxias) ficavam juntas ao depósito de gás. Esta explosão iria exigir a mobilização de todos os guardas da prisão para o local, o que nos daria tempo, e às restantes reclusas, para sairmos das nossas celas. Estávamos convictas do sucesso pois uma das nossas companheiras é mulher de um chaveiro, estando, assim, familiarizada a trabalhar com fechaduras. Ela conseguia abrir as portas apenas com um clipe. Logo que estivesse fora da cela ajudaria as outras a escapar; começava, logo de seguida, a segunda fase do plano. Já fora das celas, e sem nenhum guarda a vista, iríamos para o átrio principal, que fica do outro lado da prisão, na ala sul, onde estavam os veículos da PIDE que usaríamos para fugir.

Aguardávamos ansiosamente a chegada do dia D. Durante este tempo de espera, comecei a notar a ausência da Dona Maria nas reuniões. Havia noites em que ela nem se encontrava na cela. Comecei a ponderar a hipótese de ela, talvez, ter sido isolada na solitária. Apenas desejava que não lhe tivesse acontecido o pior...

O dia D chegou e nunca mais tive notícias da Maria, nem quero imaginar o que lhe possa ter acontecido. Mesmo com este transtorno o plano não podia parar, mentalizei-me que faria isto não só pelo meu marido, mas também pela minha colega.

A meio da noite ouvimos a explosão, a explosão que marcava o começo do plano, a explosão que marcava o que podia ser o início da nossa liberdade, mas algo estava estranho entre os guardas. Em vez de se dirigirem para a ala norte, dirigiram-se para a ala sul, apesar da explosão, claramente, ter vindo da ala norte. Mas não podíamos parar o plano que já estava em prática, com todas as reclusas já fora das celas. Corremos para o átrio principal e, chegando lá, nem queria acreditar no que via. Os guardas estavam todos lá de armas apontadas para nós, o medo e o calafrio que senti pelo corpo todo, a visão de todas as armas apontadas para nós e, no meio dos guardas, estava ela, aquela a quem confiei a minha história de vida.

Pois é, quando me diziam que a PIDE tinha agentes em todo o lado não mentiam. Fomos todas, novamente, presas e mandadas de volta para as nossas celas de onde estou a escrever isto. Passaram dois anos desde o dia D, agora apenas posso esperar que outros tentem acabar o nosso trabalho de rebelião.